

# A Filosofia Primeira – Alkindī

(quarta parte do primeiro segmento)

EDIÇÃO DO TEXTO ÁRABE, TRADUÇÃO E NOTAS:

MIGUEL ATTIE FILHO \*

Com a presente tradução, encerramos a série de três artigos sobre a metafísica de Al-Kindi. O final do presente texto alude a uma possível continuidade da *Filosofia Primeira*, da qual ainda não se teve notícia. De toda maneira, esta quarta e última parte sela a discussão a respeito da unidade e da multiplicidade. Em todo o trajeto argumentativo, a primeira é afirmada como instância real apenas e tão somente ao verdadeiramente um, cujas marcas de identitização nos múltiplos existentes são determinações concomitantes, acidentes em vista de suas substâncias. Nesse sentido, Al-Kindi estabelece um vínculo uno e indissolúvel entre os existentes e o um verdadeiro um, por um lado; e entre todos os existentes entre si, por outro. No primeiro caso, sob a égide da processão e da dependência e, no segundo, sob a equânime condição de igualdade perante o verdadeiro um. Aliando, assim, elementos da filosofia platônica e aristotélica aos alicerces da ciência da unicidade divina (*tawhid*), é justificável que Al-Kindi esteja localizado na história da filosofia como um dos elos mais esclarecedores na passagem da escola mutazilita para a *falsafa* propriamente dita, em cuja *Filosofia primeira* encontram-se atestados elementos de ambas, em toda sua extensão.

Palavras-chave: *Alkindi, Falsafa, Filosofia, Metafísica, Filosofia árabe, Islã.*

Abstract:

With the present translation, we lock up the series of three articles on the metaphysics of Al-Kindi. The end of the present text alludes to a possible continuity of *First philosophy*, of which not yet notice was had. Anyway, this last part stamps the argument regarding the unit and the multiplicity. The first one is located as which had real instance only to true one, whose marks of identity in the existing multiples are concomitant determination, accidents in sight of its substances. In this direction, Al-Kindi establishes a bond indissoluble between existing and the true one; and between all the existing ones between itself. In the first case, under egis of the procession and the dependence; and in the second one, under condition of equality before the true one. Uniting, thus, elements of the platonic and aristotelian philosophy to the foundations of the science of the divine unicity (*tawhid*), Al-Kindi reveals one of the links most enlightening of the passage of the mutazilita school for *falsafa* properly said, whose *First philosophy* it certifies in all its extension.

Key-words: *Alkindi, Falsafah, Philosophy, Metaphysics, Arabic Philosophy, Islam.*

---

\* UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. DEPARTAMENTO DE LETRAS ORIENTAIS.

## **A Filosofia Primeira – AlKindi** **(quarta parte do primeiro segmento)**

Digamos agora, pois, de que modo a unidade existe nos predicados; o que é, na verdade, o “um”; e o que é o “um” em sentido figurado, [mas] não verdadeiramente. Para tal, que antecipemos aquilo que é necessário antecipar, dizendo, então: o grande e o pequeno; o longo e o curto; o muito e o pouco; nenhum deles é enunciado a respeito de algo [em sentido] absoluto<sup>1</sup>, mas por relação. Assim, somente se diz “grande” frente àquilo que for menor do que ele; e “pequeno” frente àquilo que for maior do que ele. Da mesma maneira, um infortúnio é dito “grande”, quando for relacionado a [outro] infortúnio menor do que ele; assim como uma montanha é dita “pequena”, quando for relacionada a uma outra montanha maior do que ela.

Caso o “grande” – ou o “pequeno” – dito a respeito de algo, fosse dito “grande” em [sentido] absoluto, então o infinito não teria existência alguma, nem em ato e nem em potência, visto que não seria possível haver outra coisa maior do que o dito “grande” em [sentido] absoluto, com respeito a algo. Para o absolutamente “grande” não haveria, pois, nem infinito em ato e nem em potência, pois caso houvesse outra coisa maior do que ele – em ato ou em potência –, então ele não seria “grande” em [sentido] absoluto, na medida em que poderia suceder que fosse “pequeno” mediante outro maior do que ele. Do contrário, aquilo que fosse maior do que ele, ou seria menor ou igual a ele, o que é absurdo, impossível. Portanto, não seria possível haver [outra coisa] que fosse maior do que o absolutamente “grande”, nem em ato e nem em potência.

Também, caso houvesse um “grande” [em sentido absoluto], ele não poderia ter duplicidade, nem em ato nem em potência. Duplicar a coisa é dobrar sua quantidade e, o dobro de sua quantidade, existiria em ato ou em potência. Ora, a duplicação do absolutamente “grande” existiria, então, em ato ou em potência, e o absolutamente “grande” teria duplicidade. Agora, para o que tem duplicidade, a duplicidade é um todo, o que tem duplicidade é uma metade em vista da duplicidade, e a metade é parte do todo. Logo, o que possui duplicidade é parte da duplicidade. Desse modo, o absolutamente “grande” seria todo, e o absolutamente “grande” seria parte, [o que é absurdo].

Agora, se a duplicidade do absolutamente “grande” não fosse maior do que o absolutamente “grande”, então, ou ela seria igual ou menor do que ele. Caso fosse igual, decorreria aquele absurdo infame, isto é, que o todo seria igual à parte, o que é absurdo, impossível. Do mesmo modo, se [a duplicidade] fosse menor do que [o absolutamente “grande”], ocorreria que o todo seria menor do que a parte, o que é mais absurdo e abominável ainda. Agora, como o todo é maior do que a parte, então a duplicidade do que hipoteticamente fosse o absolutamente “grande” seria maior do que o hipoteticamente “grande”. Ora, com absolutamente “grande” não se quer dizer outra coisa que não seja de que não haveria nada maior do que ele.

Agora, caso o absolutamente “grande” não fosse um absolutamente “grande”, então, ou ele não seria “grande” de jeito nenhum, ou ele seria “grande” por relação – visto que somente se diz: “grande” ou em [sentido] absoluto ou por relação. Pois bem, se o absolutamente grande não for “grande”, então ele não seria ele [mesmo], o que é absurdo, impossível. Por sua vez, se o absolutamente “grande” for “grande” por relação, então “absoluto” e “relação” seriam dois nomes sinônimos para uma única coisa: aquela outra coisa que seria menor do que ele, pois já se esclareceu que não haveria jamais nada maior do que ele, nem em potência e nem em ato. Por meio desse [mesmo] procedimento, se esclarece também que o “pequeno” não é um absolutamente “pequeno”, mas que somente é “pequeno” por relação.

Enquanto “grande” e “pequeno” são, ambos, ditos com respeito a toda quantidade, por seu turno, “longo” e “curto”, são ditos, ambos, com respeito a toda quantidade contínua, sendo próprios a ela, excluindo-se todas as outras quantidades. Ambos são ditos, também, somente por relação e não [em sentido] absoluto. A explicação a esse respeito é análoga àquela que já adiantamos a respeito do “grande” e do “pequeno”.

Agora, quanto a “pouco” e a “muito”, ambos são uma propriedade da quantidade segmentada, podendo ocorrer ao “muito” aquilo que ocorre para o “grande”, o “pequeno”, o “longo” e o “curto”, [ou seja,] que não são ditos em [sentido] absoluto, mas por relação. A explicação disto está no que já antecipamos, pois o procedimento é o mesmo. Quanto a “pouco”, poder-se-ia supor que ele fosse dito em [sentido] absoluto. Isso porque, caso for suposto que o primeiro dos números seria o dois e que todo número que não é o dois é mais do que dois, então, o dois seria o menor dos números. Assim, na medida em que jamais ele seria “muito”, o dois seria, então, o absolutamente “pouco”, pois não haveria um número menor do que ele.

Agora, se o “um” fosse um número, não havendo nada menor do que a unidade, então o “um” seria o absolutamente “menor”. Tal suposição não é correta, pois se dissermos que o “um” é número, supomos a partir disso [algo] demasiadamente infame, repugnante. Afinal, se o “um” fosse número, então, ele seria certa quantidade; e se o “um” fosse uma certa quantidade, então, a propriedade da quantidade estaria vinculada e inerente a ele – quero dizer, que ele seria igual e não-igual. Ora, se o “um” tivesse “uns”, alguns destes seriam iguais a ele, enquanto outros não seriam iguais a

ele. Portanto, o um dividir-se-ia, dado que o menor “um” mediria o maior “um” – ou mediria uma porção dele. Logo, o maximamente “um” teria uma porção e, conseqüentemente, seria divisível. Ora, o um não se divide. Portanto, sua divisibilidade seria “é-não é”, o que á absurdo, impossível. Logo, o “um” não é número.

E que, a partir do enunciado “um”, não se preconize que a *hylé* do “um” – quero dizer o elemento [material] por meio do qual se unifica o “um” – chega a ser “um”, pois isso que existe não é “um”. Embora o que é assim sintetizado seja enumerado, não se trata de um número. Por exemplo, quando dizemos “cinco cavalos”, os cavalos são numerados por meio do cinco que é um número, mas este não tem *hylé*, visto que a *hylé* está somente nos cavalos.

E que, a partir do enunciado “um”, não se preconize aquilo que é unificado por meio do “um”, mas a própria unidade. Afinal, a unidade jamais se divide. Assim, se o “um” for [considerado] número, mas não quantidade, ao passo que os demais números – quero dizer, o dois e os que estão acima dele – fossem quantidade, então, o “um” não estaria sob a [categoria da] quantidade, mas sob outra categoria. Desse modo, o “um” e os demais números somente seriam ditos “números” por equivocidade, mas não por natureza. Assim, o “um” não seria um número por natureza, mas por equivocidade, dado que os números só seriam ditos com relação a algo único – [tal como] as [coisas] médicas em relação à medicina, e as [coisas] curativas em relação à cura. Ora, mas como é possível que tal suposição seja válida? Quero dizer, se o “um” fosse número, ser-lhe-ia inerente a propriedade da quantidade – isto é, “igual” e “não-igual”. Ora, então, o “um” possuiria “uns”, alguns dos quais seriam iguais a ele, e outros seriam maiores ou menores do que ele? Afinal, se tal [propriedade] fosse inerente ao “um”, então, também o seria a todo número – quero dizer que para cada [número] haveria um homônimo para um [outro] igual a ele, um [homô]nimo para um [outro] que seria menos do que ele, e um [homô]nimo para um [outro] que seria mais do que ele, de modo que o “três” teria outros “três”, alguns dos quais seriam iguais a ele, outros seriam menos do que ele, e outros, ainda, seriam mais do que ele, o mesmo sendo necessário para todo número. Ora, se isto não é necessário quanto aos números – o que não se duvida –, então não será necessário quanto à unicidade.

Por sua vez, se o significado de nosso enunciado “a característica do número e de toda quantidade é ser igual e não-igual” for o de que todo número teria um [outro] número igual a ele e um outro não-igual a ele – isto é, um que seria mais do que ele e um que seria menos do que ele – então, o dois não seria número, dado que não há

número que seja menos do que ele, mas apenas aqueles que são mais do que ele. Agora se for [considerado] necessário ao dois ser um número, visto que ele possui um igual a ele – que é outro dois – e um não-igual, mais do que ele –, então, [também] seria necessário que o “um” fosse número, dado que ele [também] tem igual – que é outro “um” – e tem não-igual, mais do que ele, ou seja, “dois” e o que está acima deste. Assim, o “um” seria uma quantidade, estando o “um” e os demais números sob a [categoria] da quantidade; e dado que o “um” não seria número por equivocidade, então o seria por natureza.

Além disso, forçosamente, ou o “um” é número ou não é número. Pois bem, se ele fosse número, então, ou seria par ou ímpar. Se ele fosse par, então, seria divisível em duas partes de unidades iguais. Dado que o “um” não se divide, então [nesse caso] ele não se dividiria e dividir-se-ia, o que é absurdo, impossível. Além do mais, caso nele houvesse “uns”, então, ele seria composto de “uns”, sendo composto em sua essência, dado que ele seria “um” e seria “uns”. Ora, o “um” é nada mais do que “um”. Ele não é “uns”. Assim, ele seria “uns” e “não-uns”, o que também é absurdo, impossível. Por outro lado, se ele não fosse par, então seria ímpar. Ora, o ímpar é todo aquele que se divide em duas partes de unidades desiguais. Dessa maneira, o “um”, seria “divisível/ não-divisível” “uns/não uns”, o que é absurdo, impossível. Logo, o “um” não é número.

Todavia, supõe-se que esta definição – por meio da qual se define o número ímpar – não seja necessária, a não ser depois que tenha sido explicado que o “um” não é número. Em caso contrário, o que impediria alguém de dizer que o “um” seria número, desde que definisse o número ímpar como sendo o número que, dividido em duas partes, suas partes não fossem desiguais em unidades? Ora, nisto está implicado o “um”, posto que ele não deveria, necessariamente, ser divisível.

Agora, dado que com esta investigação, não parece necessário que o “um” não seja número, então, que digamos pois: o fundamento da coisa, aquela a partir da qual a coisa é erigida –quero dizer, aquilo a partir do que a coisa é composta – não é a [própria] coisa. Por exemplo, como se dá com os fonemas a partir dos quais se compõe o discurso. Ora, eles não são o discurso, na medida em que o discurso é um som composto, convencionalizado e significativo a respeito de algo ao longo de um tempo, ao passo que o fonema é um som natural, não composto. Assim, se o número for [considerado] um composto de unidades – o que todos estão de acordo – e o “um”, sem ser número, fosse o fundamento do número, sem que o “um” tivesse fundamento a

partir do qual ele se compusesse, ainda que fosse um fundamento para o que se compõe a partir do “um”, então o “um” seria número, cujo fundamento seria o fundamento daquilo em que todos estão de acordo serem números, sendo possível, portanto, que o “um” fosse número. Ora, [se assim fosse] então, poder-se-ia supor que o “um” fosse o fundamento do dois, e que o dois fosse fundamento do três, dado que no três existe os dois<sup>ii</sup>. Pelo fato de ambos serem um número e do dois ser fundamento do três, supôs-se que o “um” seria número, e seria fundamento do dois. Contudo, tal suposição não é válida, visto que o dois, suposto como fundamento do três, teria um fundamento que seria o “um”, ao passo que o “um” – ainda que fosse fundamento do dois – não teria fundamento. Ora, ele [o “um”] não é composto, diferenciando-se do dois enquanto é simples, sendo o dois um composto a partir do “um” simples.

Desse modo, não seria possível que um número tivesse uma porção simples, [como] seu fundamento – com “simples” quero dizer que não é composto de nada – e outra porção composta daquele simples.

Mas, chegou-se a supor que algo parecido [também] ocorreria [quanto] à substância composta – quero dizer, quanto ao corpo que é composto a partir de duas substâncias simples, quais sejam, o elemento [material] e a forma – dizendo-se que a substância seriam três: duas simples, que seriam o elemento [material] e a forma, e o composto de ambas, que é o elemento [material] informado<sup>iii</sup>, quero dizer, o corpo. A partir disso, se supôs que seria possível haver também, o número que fosse simples: este seria o “um”, a partir do qual seria composto o número reconhecido como tal, e a partir deste número reconhecido como tal haveria a composição a partir do “um” simples. Ora, tal suposição não é válida, porque a comparação é ao inverso, a saber, que as substâncias primárias simples, a partir das quais o corpo se compõe, são o elemento [material] e a forma. Visto que ele [corpo] é um composto a partir de substâncias, ocorre que o corpo é “substâncias”, dado que ele é nada além do que substâncias. Por outro lado, por sua natureza ele é um corpo, quero dizer, ele é um composto do elemento [material] e de dimensões, que são sua forma. Agora, não é o caso do elemento [material] tomado isoladamente e nem da dimensão – que é uma forma – tomada isoladamente, serem cada uma delas duas um corpo, na medida em que corpo é o composto delas duas.

Assim, de maneira análoga, não é necessário que o “um” – visto que ele é o fundamento do número reconhecido como tal – seja número, mas do mesmo modo que o corpo por ser composto de substâncias é “substâncias”, assim o número por ser um

composto de unidades é “unidades”. Na verdade, as coisas a partir das quais se compõem [outras] coisas são tal como os fundamentos, partes que o composto possui, não havendo nada que impeça de darmos a elas os [mesmos] nomes e definições como, por exemplo, “vivo”, quantos aos viventes; “substância”, quanto às substâncias – quer dizer, seus nomes substanciais e não os acidentais. Assim, o “um” é o fundamento do número, mas não é número, de maneira alguma.

Bem, já que ficou esclarecido que “um” não é número, então, a definição enunciada a respeito do número restringe-se ao número [propriamente dito], quer dizer, que ele é o arranjo das unidades, o conjunto das unidades e a combinação das unidades. Desse modo, é o dois o primeiro dos números. Agora, ao se dizer o dois em sua natureza, sem cogitar nada que não seja ele, não é de sua natureza ser “pouco” [em sentido absoluto]. A “pouquidade” somente se vincula a ele se houver relação com o que for mais do que ele. Desse modo, ele só é [considerado] “pouco” em vista do conjunto dos números que são mais do que ele. Por isso, ele somente é “pouco” quando estiver em relação com os [outros] números. Agora, quando se pensa sobre sua natureza, é ela, pois, o dobro do “um”, a reunião de duas unidades, um composto de duas unidades. Ora, o composto é dotado de partes, sendo um todo para suas partes e, como o todo é maior do que a parte, então, por sua natureza, o dois não é “pouco” [em sentido absoluto].

Por seu turno, dado que “grande e pequeno”, “longo e curto”, “muito e pouco”, nenhum deles é dito em [sentido] absoluto, mas por relação, então, cada um deles só está relacionado a outro de seu gênero, e somente de seu gênero. Por exemplo, a grandeza, quando dita de um corpo, só terá relação com outro corpo, e não com uma superfície, nem com uma linha, nem com um lugar, nem com um tempo, nem com um número, e, tampouco, com um enunciado. Não se diz que um corpo é maior ou menor do que uma superfície, uma reta, um lugar, um número ou um enunciado, mas sim em vista de um [outro] corpo. O mesmo acontece com cada uma das demais grandezas, não sendo correto dizer que [algo] é maior ou menor do que aquilo que não está em seu gênero.

Assim, não se diz que uma superfície é maior ou menor do que uma reta, um lugar, um tempo, um número ou um enunciado, mas do que [outra] superfície. Tampouco [se diz] que uma linha é maior ou menor do que um lugar, um tempo, um número ou um enunciado, mas do que uma [outra] linha. Também não [se diz] que um lugar é maior ou menor do que um tempo, um número, ou um enunciado, mas do que

[outro] lugar. Do tempo, também não [se diz] que seja maior ou menor do que um número ou um enunciado, mas do que [outro] tempo. Também não [se diz] que um número seja maior ou menor do que um enunciado, mas do que outro número; e nem [se diz] que um enunciado seja maior ou menor do que qualquer uma das demais grandezas, mas do que [outro] enunciado.

Da mesma maneira, não é correto dizer que um corpo<sup>iv</sup> [orgânico] é mais longo ou mais curto do que uma superfície, uma linha, um lugar, um tempo, um número ou um enunciado. Supor que um corpo [sólido] seja mais longo ou mais curto do que uma superfície, uma linha ou um lugar, eis aí uma suposição equivocada, pois ao supor que o comprimento de um corpo [sólido] é mais longo ou mais curto do que o comprimento de uma superfície, de uma linha ou de um lugar; e que o comprimento de cada uma delas seria uma única dimensão daquelas que foram atribuídas a ele [corpo] – sendo que a dimensão única é uma linha – então, somente estaríamos indo de um certo corpo [sólido] – ou de uma superfície, de uma linha ou de um lugar – mais longo ou mais curto para [dizer] “tal linha é mais longa do que tal [outra] linha”. Tais conjuntos fazem parte da quantidade contínua, assim como o tempo também faz parte da quantidade contínua. Mas, como não há uma linha do tempo claramente manifesta, então, não se diz que um corpo [sólido] é mais longo ou mais curto do que um tempo.

Está claro, portanto, que não se diz “longo” e “curto” a propósito daquilo que seja longo ou curto, a não ser que esteja dentro do mesmo gênero, isto é, só volume, só superfície, só lugar e só tempo. Agora, quanto a um número ou a um enunciado, essencialmente não lhes cabe ser longo ou curto por essência, mas isto dito com respeito a eles, o é do ponto de vista do tempo no qual eles estejam. Assim, se for dito “um número longo”, isto será “num tempo longo”. Da mesma maneira, ao se dizer “um enunciado longo”, isto será “num tempo longo”. Não que se possa atribuir nem ao enunciado e nem ao número, em si mesmos, a denominação “longo” ou a denominação “curto”.

O mesmo se dá com “muito” e “pouco”, não sendo ditos – naquilo a respeito do que são ditos – a não ser que estejam num mesmo gênero, quero dizer, naquilo a respeito do que se diz “número” e “enunciado”. Não é correto dizer que um enunciado é mais ou menos do que um número; tampouco que um número seja mais ou menos do que um enunciado. Antes, [se diz] que um número seja maior ou menor do que [outro] número; e que um enunciado seja maior ou menor do que [outro] enunciado.



Muito bem, tendo se esclarecido o precedente, [digamos], pois, que o “um”, na realidade não é suscetível de ser posto em relação com algo de seu gênero, e tampouco que haja para ele um gênero suscetível de estar em relação com algo de seu gênero. Portanto, para o verdadeiramente “um” não há gênero algum. Já adiantamos que aquilo que tem gênero não é o eterno, e que o eterno não tem gênero. Portanto, o verdadeiramente “um” é eterno, de maneira alguma multiplicado em qualquer espécie, jamais. O “um” não é dito em relação a outro que não seja ele [mesmo], visto ser ele o que não tem *hylé*, por meio da qual ele se dividiria. Ele [também] não tem uma forma composta de gênero e espécies – pois o que assim é, se multiplica por meio daquilo que o compõe. Ele não é de modo algum uma quantidade e nem tem quantidade, porque o que assim é também se divide, na medida em que toda quantidade – ou tudo aquilo que tem quantidade – é suscetível de aumento e diminuição; e o que é suscetível de diminuição é divisível, e o que é divisível é multiplicado numa certa espécie.

Já foi dito que a multiplicidade está em cada uma das categorias, assim como naquilo que a elas se vincula, a partir do gênero, da espécie, do indivíduo, da diferença, da propriedade, do acidente geral, do todo, da parte e do conjunto. Da mesma maneira, o “um” se diz a respeito de cada um dos que vêm dele, ainda que o verdadeiramente “um” não é o “um” dele. Agora, o movimento inclui-se neles – refiro-me ao corpo hílico informado – dado que o movimento nada mais é do que deslocamento de um lugar a outro; desenvolvimento ou diminuição; geração ou corrupção; ou transformação. O movimento é múltiplo, dado que o lugar é uma quantidade e, portanto, divisível. Ora, o que existe em divisões é divisível por meio das divisões do lugar sendo, então, múltiplo. Portanto, o movimento local é múltiplo.

Da mesma forma, o desenvolvimento e a diminuição são múltiplos, pois o movimento das extremidades do que cresce e do que diminui é divisível, em virtude do que existe nas divisões do lugar, que está entre a extremidade do corpo antes do desenvolvimento e a extremidade do corpo no limite do desenvolvimento. O mesmo acontece quanto ao que está entre a extremidade do corpo antes da diminuição e a extremidade no limite da diminuição. Analogamente é o caso da geração e da corrupção, pois, desde o começo da geração e da corrupção, até seus limites, ambas são divisíveis pela divisão do tempo no qual se dá a geração e a corrupção. Portanto, o movimento de desenvolvimento e de diminuição, assim como o da geração e da corrupção são todos divisíveis.

Do mesmo modo, a transformação por troca [de qualidades] e a transformação até a completude<sup>v</sup> são divisíveis segundo as divisões do tempo da transformação. Portanto, todos os movimentos são divisíveis, ainda que sejam unificados – pois a totalidade de cada movimento é una, dado que a unidade se diz com respeito ao todo por completo, assim como uma parte sua [também] é una, dado que o “um” se diz com respeito à parte por completo. De todo modo, dado que a multiplicidade existe no movimento, então, o verdadeiramente “um” não é movimento.

Agora, visto que tudo o que é percebido por meio do sentido [e] por meio do intelecto ou é existente em si mesmo, ou existe naturalmente em nosso pensamento<sup>vi</sup>, ou existe acidentalmente em nossa palavra e em nossos escritos, logo, o movimento existe na alma. Quero dizer que o pensamento, a partir das formas das coisas, desloca-se de umas às outras, [assim como] a partir de diversas disposições e aflições inerentes à alma, tal como a ira, o medo, a alegria, a tristeza, etc. Desse modo, os pensamentos são multiplicados e unificados, dado que para toda multiplicidade há todo e há parte, visto ser numerável. Esses são acidentes da alma, os quais, desse modo, tanto são multiplicados como são unificados. Portanto, o verdadeiramente “um” não é alma.

Agora, visto que o limite do pensamento, se conduzido por um método correto dirige-se ao intelecto, ou seja, às espécies das coisas – dado que a espécie e o que está acima dela são inteligíveis, ao passo que os indivíduos são sensíveis, e por “indivíduos” refiro-me às partes das coisas que não dão nem o nome e nem a definição das coisas – então, quando estas [espécies] unificam-se com a alma, elas são inteligidas. Assim, a alma, que antes da unificação era inteligente em potência, quando tais espécies unificam-se com a alma, esta [torna-se] inteligente em ato. Ora, toda coisa, em vista de [outra] coisa, está em potência. Esta, somente sai para o ato [por meio] de outra coisa, que é aquela, em ato, que a faz sair da potência ao ato.

Assim, isto que faz a alma sair, [da condição] de inteligente em potência para se tornar inteligente em ato – refiro-me à unificação das espécies e dos gêneros das coisas, isto é, seus universais, com a [alma] – são os próprios universais. Com efeito, é pela unificação deles com a alma que esta se torna inteligente [em ato], ou seja, que ela passa a ter uma certa intelecção, melhor que os universais das coisas passam a estar com ela. Dado que eles [universais] estão na alma que saiu da potência ao ato, são eles o intelecto adquirido da alma – os quais estavam em potência para ela [alma] –, são eles o intelecto que está em ato, o qual faz a alma sair da potência ao ato. Ora, os universais são múltiplos, como já antecipamos. Logo, o intelecto é múltiplo. Pode-se

supor que ele seja um princípio múltiplo que, de algum modo, fosse unificado – visto ser um todo, como já adiantamos – já que a unidade é dita em relação ao todo. Mas, na verdade, a unidade não é intelecto.

Agora, dado que em nossas palavras há nomes sinônimos – tais como lâmina, canivete e faca são sinônimos para “ferro de corte”, então se pode predicar “um” para os sinônimos, dizendo-se que o canivete, a lâmina e a faca são “um”. Todavia, esse “um” também é múltiplo, na medida em que tanto o seu elemento [material] como aquilo que se diz com referência ao seu elemento [material] são múltiplos. “Ferro de corte” – que é o elemento [material] da sinonímia [entre] canivete, lâmina e faca – é, pois, partido e múltiplo; assim como os nomes a eles atribuídos também são múltiplos. Logo, o verdadeiramente “um” não tem nomes sinônimos.

Além do mais, dado que em nossas palavras há homônimos como, por exemplo, o bicho que é chamado de “cão” e a constelação que é chamada de “cão”, diz-se, portanto, que ambas são “um” quanto ao nome, ou seja, “cão”, ainda que o elemento [material] desse “cão” seja múltiplo – refiro-me [ao elemento material] do bicho e da constelação – e [ainda] que tais homônimos não [indiquem] causa de uma coisa em vista da outra, na medida em que a constelação não é causa do bicho e nem o bicho é a causa da constelação. É possível haver homônimos em que uns sejam causa de outros como, por exemplo, o escrito, o pronunciado, o pensado e o “em-si”<sup>vii</sup> estrutural. Desse modo, a escrita, que é uma substância, informa a respeito da palavra que [também] é uma substância. Por sua vez, a palavra, que é uma substância informa a respeito do pensado, que é uma [outra substância; e o pensado, que é uma substância informa a respeito do em-si, que é [outra] substância. Tudo isto pode ser dito “um” – quero dizer quanto ao próprio em-si, quanto ao pensamento, quanto à palavra e quanto à escrita. O próprio em-si é a causa do em-si no pensamento; o em-si no pensamento é a causa do em-si na palavra; o em-si na palavra é a causa do em-si na escrita. Ora, essa espécie de “um” também é múltipla, na medida em que é predicado de muitos. Portanto, o verdadeiramente “um” não é “um” ao modo de homonímia.

Agora, visto que se pode dizer “um” para aquilo cujo elemento [material] é o mesmo – ainda que variem de certa maneira, seja [por] ação, paixão, relação ou outras dessas variantes – como, por exemplo, “porta” e “cama”, que têm o mesmo elemento [material], quer dizer “madeira”, melhor, um elemento [material] a partir do qual se fabricam coisas de diversos modelos. Assim, se diz que a porta e a cama são “um” pelo elemento [material]. Ora, mas isto, do ponto de vista de seus elementos [materiais]

também é múltiplo, dado que considerando seus modelos, o elemento [material] de cada um é multiplicado e partido. Do mesmo modo, aquilo que é “um” pelo elemento [material] primeiro<sup>viii</sup> – refiro-me à possibilidade<sup>ix</sup> – também é múltiplo, do ponto de vista do elemento [material], dado que existe em vista de modelos múltiplos.

Agora, “um” pelo elemento [material] também pode ser dito com referência a certas coisas que são ditas em relação a algo, vinculando-se a estas, necessariamente, outras coisas. Tal é o caso da corrupção predicada com respeito ao corruptível, vinculando-se a geração a este, dado que a corrupção do corruptível é geração de outro. Assim, se diz que o gerado, estando em ato, é corruptível pelo elemento [material]. Ora, isto também pode se multiplicar, dado que o elemento [material] diz respeito a inumeráveis modelos. Esse tipo pode ser dito “um” em potência – quero dizer, o “um” pelo elemento [material] – para coisas ditas em relação a algo, vinculando-se outras coisas a estas. Por exemplo, o desenvolvimento que é predicado com referência àquele que se desenvolve, tem vinculado a este a atrofia, pois aquilo que tem desenvolvimento tem atrofia em potência, dizendo-se “um” ao mesmo que desenvolve e se atrofia; ou seja, aquele que se desenvolve é aquele que atrofia. Do ponto de vista do elemento [material], isto também é múltiplo, dado que o elemento [material] é em vista de inúmeros modelos, nesse caso, o desenvolvimento e a atrofia. Ora, o verdadeiramente “um” jamais é dito segundo a espécie do elemento [material]. Portanto, ele não é dito “um” a partir das espécies de “um” que estão no elemento [material].

Como já antecipamos, é possível se dizer “um” para aquilo que não se divide. Agora, aquilo que não se divide, ou não se divide em ato ou em potência. Quanto àquilo que não se divide em ato, é como aquilo que não se divide em razão de sua dureza tal como a pedra de diamante – refiro-me ao fato de que ela seja dura de ser dividida. Ora, isto necessariamente é dotado de partes, dado que é um corpo e, portanto, é múltiplo. Ou assemelha-se a algo bastante diminuto para o instrumento de divisão dizendo-se, então, que ele não se divide, dado que não há instrumento que o divida. Ora, isso [também] é dotado de partes, visto ser uma certa grandeza, na medida em que a ele está vinculada a pequenez e, portanto, é múltiplo.

Agora, também se diz que não se divide em ato [aquilo] que é seccionado indefinidamente sem trocar sua natureza por outra. Antes, tudo o que dele é partido carrega sua definição e seu nome. Por exemplo, todas as grandezas contínuas – refiro-me ao volume, à superfície, à linha, ao lugar e ao tempo. Ora, o que é seccionado do volume é volume; o que é seccionado da superfície é superfície; o que é seccionado da

linha é linha; o que é seccionado do lugar é lugar; e o que é seccionado do tempo, é tempo. Ora, isso tudo não se divide nem em ato nem em potência em [algo] que não seja sua [própria] espécie, mas cada um deles é suscetível de ser seccionado e multiplicado sempre em sua espécie.

Além do mais, o volume se multiplica de acordo com suas três dimensões e com seus seis limites; a superfície por suas duas dimensões e seus quatro limites; e a linha por sua dimensão e seus dois limites. Do mesmo modo, o lugar se multiplica de acordo com a medida das dimensões do que é locado e de seus limites. O mesmo vale para o tempo, que se multiplica segundo seus limites que são os instantes do tempo, os definidores dos seus limites, da mesma maneira como os pontos definem os limites da linha.

Do mesmo modo, um todo que tiver partes semelhantes é dito “um”. Isso porque ele não se divide, ou seja, tudo o que dele é seccionado mantém sua definição e o seu nome. Ora, isto também é múltiplo – ainda que não se divida – pois, o todo estará suscetível a multiplicar-se indefinidamente. Agora, também se diz que não se divide – nem em ato nem em potência – aquilo que, ao ser dividido tiver sua essência aniquilada como, por exemplo, um único homem – Muhammad ou Sayid – ou um único cavalo – Arrā'id ou *Di-al'uqqāl*<sup>x</sup> – e aquilo que assim for, [isto é] todo indivíduo natural dotado de modelo<sup>xi</sup>, ou [tudo que for] accidental, espécie, gênero, diferença, propriedade, ou acidente geral. Ora se [o indivíduo] se dividir, então, ele não será mais aquilo que é. Agora, ele é múltiplo, em razão daquilo que o compõe sendo, também, seccionável indefinidamente. Tudo isto concerne ao predicado “um”, em vista, também, de sua continuidade.

De outra maneira, porque não se divide também se diz “um”, para aquilo que não se divide porque não é contínuo. Isso que assim é, diz-se de dois modos: um deles porque não é contínuo, não tem posição, nem é comum, tal como o “um” numérico, pois ele não é algo contínuo – quero dizer que ele tivesse dimensões e limites, porque isso é que é uma coisa contínua – , antes ele é indivisível e não é seccionável. Agora, do ponto de vista dos sujeitos que ele enumera, isto também é múltiplo. Este, que é o “um” numérico, é medida de tudo. O outro [modo] são os fonemas, pois eles não são contínuos – não cabendo aqui, então, as causas por meio das quais o “um” numérico não se divide – sendo simplesmente medida das palavras.

Dado que não se divide em outra espécie, também se diz “um” aquilo que assim é porque tem [alguma] parte semelhante e outra não semelhante, ainda que haja

comunidade. Aquilo que assim é, se diz de dois modos: um deles é o que tem uma posição, tal como o ponto da linha que é o seu limite, não tendo parte, pois ele é o limite de uma só dimensão, e o limite da dimensão não é uma dimensão. Ora, isso é múltiplo segundo seus atributos – quero dizer o tempo passado e o tempo futuro que são comuns a ambos<sup>xii</sup>.

Também se diz “um” com respeito àquilo que não se divide do ponto de vista da totalidade<sup>xiii</sup>. Assim, se diz “uma libra”<sup>xiv</sup>, porque se algo for seccionado da totalidade, anula-se a libra, já que não haveria uma libra inteira. Do mesmo modo é que se diz que a linha do círculo, mais do que qualquer outra, merece justamente ser “um”, visto que ela é o limite por completo, na medida em que, nela, não há falta nem excesso; antes, é um todo perfeito. Agora, o que assim é, pelo seu seccionamento, também é múltiplo. Enfim, entre as demais espécies de “um”, aquilo que não se divide reivindica mais fortemente que seja dito “um” em vista da unidade, pois é mais forte sua unicidade.

De todo modo, pelo que dissemos, fica esclarecido que o “um” ou é dito por essência, ou por acidente. Quanto ao que é por acidente, ele é da mesma espécie do enunciado que se faz por homonímia, por nomes sinônimos ou por reunião de muitos acidentes, como por exemplo ao dizermos “o escritor e o orador são um só”, referindo-nos a um único homem ou ser humano. Ou, ainda, “o homem e o escritor são um”, e assim por diante.

Agora, quanto a ser por essência, são os demais [casos] já mencionados em que se diz “um”, ou seja, tudo aquilo cuja substância é una, dividindo-se por uma divisão primária, seja pela continuidade, a qual diz respeito ao âmbito do elemento [material]; seja pela forma, a qual diz respeito ao âmbito da espécie; seja pelo nome, o qual é dos dois âmbitos em conjunto; seja pelo gênero, o qual diz respeito ao âmbito do princípio.

Assim, o “um” pela continuidade ou pela ligação é o “um” pelo elemento [material], isto é, aquele que é dito “um” numericamente ou pela figura. O “um” pela forma são aqueles cuja definição é uma só. O “um” pelo gênero são aqueles cuja definição de seus atributos é uma só. Agora, há aqueles que são “um” pelo nome, isto é, aqueles nos quais há igualdade, sendo que o “um” por igualdade são aqueles cuja relação é a mesma, tal como as coisas médicas, que são estabelecidas com relação à medicina.

Agora, de todas essas espécies que mencionamos – refiro-me ao “um” segundo o número, segundo a forma, ao “um” segundo o gênero e, depois, ao “um” segundo a igualdade – os últimos seguem os primeiros, ao passo que os primeiros não seguem os

últimos. Quero dizer: o que é “um” pelo número é, portanto, “um” pela forma; o que é “um” pela forma, é, pois, “um” pelo gênero; o que é “um” pelo gênero é, pois, “um” pela relação. Contudo, o que é “um” pela relação não é, pois, “um” pelo gênero; nem o que é “um” pelo gênero é, pois, “um” pela forma; tampouco o que é “um” pela forma é “um” pelo número. Estando claro, portanto, que a multiplicidade é o oposto da unidade, quando a multiplicidade for predicada a respeito de cada uma dessas espécies, dir-se-á “múltiplo”, seja pelo fato de não serem contínuos, caso em que serão separáveis; seja porque seus elementos [materiais] são divididos pelas formas, ou suas formas pelos gêneros, ou pelo que tenha relação com isso.

É óbvio que [o termo] “identidade” é predicado com respeito a tudo isso cuja causa é o “um”. Portanto, a identidade é predicada em razão daquilo que enumera as espécies de “um”. Já foi explicado que o verdadeiramente “um” não é nada que pertença aos inteligíveis, nem é um elemento [material], nem gênero, nem espécie, nem indivíduo, nem diferença [específica], nem propriedade nem acidente geral, nem movimento, nem alma, nem intelecto, nem todo, nem parte, nem conjunto, nem porção; tampouco ele é “um” por relação a outro que não seja ele mesmo. Antes, ele é absolutamente “um”, não sendo suscetível à multiplicação nem composto de muitos; nem é o “um” que mencionamos, a saber, todos os modos de espécie de “um” que foram citados, nem se vincula a ele o que é vinculado à diversidade daqueles.

Agora, dado que isto que mencionamos [sobre o “um”] é mais simples do que aquilo que estas [coisas] têm – refiro-me ao que se diz a respeito delas, predicados assaz múltiplos –conseqüentemente, o verdadeiramente “um” não é dotado de *hylé*, nem de forma, nem tem quantidade, nem qualidade, nem relação, nem é descrito por nada que pertença aos inteligíveis, não tem gênero, nem tem diferença específica, não é indivíduo, nem é propriedade, nem tem acidente geral, não é móvel, nem é descrito por nada daquilo que se negue ser, na realidade, o “um”. Ele é, portanto, pura unidade, e nada mais – quero dizer que ele não é nada que não seja unidade, ao passo que todo “um” que não seja ele é múltiplo.

Portanto, dado que a unidade é um acidente em todas as coisas, então, ela é outra que não o verdadeiramente “um”, como já adiantamos. Ora, o verdadeiramente “um” é o “um” por essência, aquele que jamais e sob qualquer ponto de vista se multiplica. Tampouco ele se divide segundo qualquer modo que seja, nem do ponto de vista de sua essência nem sob qualquer outro, nem por tempo, nem [por] lugar, nem [por] substrato, nem [por] predicado, nem [como] todo, nem [como] parte, nem em razão da substância,

nem em razão do acidente, e de maneira alguma por qualquer uma das espécies de divisão ou de multiplicação.

Agora, quanto a todas as espécies de “um” que não sejam ele [o verdadeiramente “um”], dado que naquilo em que eles estão, estão por acidente, e que tudo aquilo que está numa coisa por acidente é feito acidente por um outro que não ele, então, o que está nessa coisa ou está por acidente ou está por essência. Ora, não é possível que as coisas sejam infinitas em ato e, portanto, a primeira causa da unidade nos que são unificados é o verdadeiramente “um”, aquele que não adquire a unidade de nenhum outro que não seja ele; visto não ser possível que, uns aos outros, os fornecedores [da unidade] fossem sem fim quanto ao início. Desse modo, a causa da unidade naqueles que são unificados é o primariamente e verdadeiramente “um”. Tudo, pois, que é suscetível à unidade é causado. Todo “um” que na realidade não seja o “um”, é “um” em sentido figurado, mas não na realidade. Assim, todo “um” que faz parte dos causados tem unidade, indo de sua unidade à sua não-identidade – quero dizer que ele, ainda que não se multiplique enquanto exista, é múltiplo e não é absolutamente “um”, ou seja, o absolutamente “um” é aquele que jamais se multiplica, e sua unidade não é outra [coisa] que sua [própria] identidade.

Agora, dado que a unidade e a multiplicidade encontram-se simultaneamente em cada um dos sensíveis e naquilo que está vinculado aos sensíveis, e dado que em todos eles a unidade é uma marca que provem de um marcador –acidental neles e não por natureza– e dado que a multiplicidade é necessariamente uma reunião de unidades, então, necessariamente se não houver unidade jamais haverá multiplicidade. Logo, a identitização de tudo o que é múltiplo é por meio da unidade, pois se não houvesse unidade a multiplicidade jamais teria identidade. Portanto, toda identitização nada mais é do que uma paixão que faz existir aquilo que não é. Dessa maneira, o fluxo da unidade oriundo do que é primariamente e verdadeiramente “um” é uma identitização a todo sensível e àquilo que está vinculado aos sensíveis. Cada um destes existe na medida em que sua identitização se dá por meio da identidade do [“um”]. Assim, a causa da identitização procede do que é verdadeiramente “um”, aquele que não adquire a identidade a partir de [outro] que a forneceria a ele. Antes, por sua essência ele é “um”, ao passo que aquilo que é identitizado não é eterno. Ora, aquilo que não é eterno é criado, ou seja, sua identitização procede de uma causa. Logo, aquilo que é identitizado é criado. Agora, dado que a causa da identitização é o primariamente e



verdadeiramente “um” então, a causa da criação é o primariamente e verdadeiramente “um”.

E mais, a causa da qual procede a origem do movimento – refiro-me ao motor – é o agente. Assim, o primariamente e verdadeiramente “um” é, então, a causa da origem do movimento de identitização – isto é, das paixões – sendo, portanto, o criador de todos os identitizados. Portanto, posto que não há identidade a não ser por aquilo que nela procede do “um”, em que a unicidade deste é a identitização daqueles, então, a unidade é a estrutura do todo. Assim, se elas se separam da unidade, no momento da separação, elas se perdem e passam, instantaneamente. Portanto, o verdadeiramente “um” é o primeiro, o criador, o que sustenta tudo o que cria, não havendo nada que esteja fora de seu sustento e de seu poder, caso contrário, se perde e passa.

Dessa maneira, posto que ficou claro o que queríamos evidenciar com respeito à discriminação das unidades para que se manifestasse o verdadeiramente “um” – o dispensador, o criador, o poderoso, o mantenedor – e aquelas unidades em sentido figurado – refiro-me pelo que se adquire do verdadeiramente “um”, excelso, acima do que lhe atribuem os desviados.

Que finalizemos, pois, esta parte, seguindo com o que naturalmente se segue, com o sustentáculo daquele que é dotado da plenitude do poder, da perfeição da força e da profusão da generosidade.

Fim do primeiro segmento do livro de Ya‘qūb bin ‘Ishāq Alkindī.

Louvor ao senhor dos mundos e bençãos a Muhammad, o profeta, e a toda sua família.

## كتاب الكندي إلى المعتصم بالله

### في الفلسفة الأولى

#### الفن الرابع

#### وهو الجزء الأول

فلنقل الآن بأي نوع توجد الوحدة في المقولات، وما الواحد بالحق، وما الواحد بالمجاز لا بالحقيقة، ولنقدم كذلك ما يجب تقديمه فنقول: إن العظيم والصغير، والطويل والقصير، والكثير والقليل، لا يقال شيء منها على شيء قولاً مرسلًا بل بالإضافة فإنه إنما يقال عظيم عندما هو أصغر منه، وصغير عندما هو أعظم منه. وكذلك يقال للهنا عظمة إذا أضيفت إلى هناة أصغر منها. ويقال للجبل الصغير إذا أضيف إلى جبل آخر أعظم منه. ولو كان يقال العظيم مرسلًا على ما يقال عليه العظيم، وكذلك الصغير، لم يكن لما لا نهاية له وجود لا بالفعل ولا بالقوة بته. لأنه لم يكن يمكن أن يكون شيء آخر أعظم من المقول عليه عظيم قولاً مرسلًا. فكان العظيم المرسل ليس لا نهاية له بالفعل، ولا بالقوة، لأنه إن كان شيء آخر أعظم منه بالفعل أو بالقوة، فليس هو عظيم مرسلًا، لأنه قد عرض له أن يكون صغيراً، إذ آخر أعظم منه، فإن لم يكن كذلك، فالذي هو أعظم منه أصغر منه أو مثله، وهذا خلف لا يمكن. فإذاً ليس شيء يمكن أن يكون شيء آخر أعظم من العظيم المرسل، لا بالفعل ولا بالقوة. فإذاً قد وجد عظيم لا ضعف له بالفعل ولا بالقوة، وتضعيف الشيء تثني كميته، وتثنية كميته موجودة بالفعل أو بالقوة، فإذاً تثنية العظيم المرسل موجود بالفعل أو بالقوة. فإذاً للعظيم المرسل ضعف، والضعف كل لذي الضعف، وذو الضعف نصف للضعف، والنصف جزء الكل، فذو الضعف جزء الضعف. فإذاً العظيم المرسل كل، والعظيم المرسل جزء، فإن لم يكن ضعف العظيم المرسل أعظم من العظيم المرسل فهو مثله أو أصغر منه. فإن كان مثله عرض من ذلك محال بشع: وهو أن يكون الكل مثل الجزء، وهذا خلف لا يمكن.

وكذلك يعرض إن كان أصغر منه أن يكون الكل أصغر من الجزء، وهذا أشد إحالة وبشاعة. فإذاً الكل أعظم من الجزء. فإن ضعف العظيم الذي ظن أنه مرسل أعظم من العظيم المظنون أنه العظيم المرسل. والعظيم المرسل إنما يراد به ما لا شيء أعظم منه، فإذاً العظيم المرسل لا عظيم مرسل فيما ألا يكون عظيم، وإما أن يكون عظيم بالإضافة، إذ لا يقال عظيم إلا مرسلًا أو بالإضافة. فإن كان العظيم المرسل لا عظيمًا، فهو لا هو، وهذا خلف لا يمكن. وإن كان العظيم المرسل هو العظيم بالإضافة، فالمرسل

والإضافة اسمان مترادفان لشيء واحد، وهو ما كان شيء آخر أصغر منه. إذن قد تبين أنه لا يكون شيء لا شيء أعظم منه، لا بالقوة ولا بالفعل بته.

وبهذا التدبير تبين أنه لا يكون صغيراً مرسلًا، وإنما يكون الصغير بالإضافة أيضاً. والعظيم والصغير يقالان على كل كمية.

فأما الطويل والقصير فيقالان على كل كمية متصلة خاصان لهما دون غيرها من الكميات. وإنما يقالان بالإضافة أيضاً قولاً مرسلًا. وبيان ذلك بمثل ما قدمنا في العظيم والصغير.

فأما القليل والكثير فإنهما خاصة للكمية المنفصلة، وقد يعرض للكثير ما يعرض العظيم والصغير، والطويل والقصير، من أنه لا يقال قولاً مرسلًا بالإضافة. وبيان ذلك بما قدمنا؛ فإن التدبير واحد. وأما القليل فقد نطن أنه يقال مرسلًا. وذلك أنه يظن أنه كان أول العدد اثنين، وكل عدد غير الاثنين أكبر من الاثنين، فإن الاثنين أقل الأعداد. فالاثنتان هو القليل المرسل، إذ ليس هو كثير، إذ لا عدد أقل منه. وإن كان الواحد عددًا، ولا شيء أقل من الواحد، فالواحد هو الأقل المرسل، وهذا ظن ليس بصادق، لأننا إن قلنا إن الواحد عدد نطن أنه يلحقنا من ذلك شناعة قبيحة جداً. لأنه إن كان الواحد عددًا فهو كمية ما، وإن كان الواحد كمية فخاصية الكمية تلحقه وتلزمه؛ أعني أنه مساو، ولا مساو، فإن كان للواحد أوحاد بعضها مساوية له، وبعضها لا مساوية له فالواحد منقسم، بأن الواحد الأصغر بعد الواحد الأكبر، أو بعد بعضه. فالواحد الأكبر بعض، فهو منقسم، والواحد لا ينقسم، فانقسامه أيس ليس، وهذا خلف لا يمكن فليس الواحد إذن عددًا.

ولا نذهبن من قولنا: واحد، إلى هيولى الواحد أعني العنصر الذي يوجد بالواحد، فصار واحدًا، فإن ذلك موجود لا واحدًا. والمؤلفة من ذلك معدودات لا عدد كقولنا: خمسة أفراس، فإن الأفراس معدودة بالخمسة التي هي عدد لا هيولى له؛ وإنما الهيولى في الأفراس. فلا نذهبن من قولنا زاحد إلى الموحد بالواحد بل إلى الوحدة عينها، فالوحدة لا تنقسم بته. فإن كان الواحد عددًا، وليس بكمية، وباقي الأعداد أعني الاثنين وما فوقه كمية فإن الواحد ليس تحت الكمية، فهو تحت مقولة أخرى. فإذا كان الواحد هو وباقي الأعداد، إنما يقال إنها أعداد باشتباه الاسم لا بالطبع، فإذا كان الواحد ليس بعدد بالطبع، بل باشتباه الاسم. إذ ليس يقال الأعداد بالإضافة إلى شيء واحد، كالطبيبات إلى الطب، والمبرئات إلى البرء.

ولكن كيف يمكن أن يكون هذا الظن صادقًا، أعني أن الواحد إن كان عددًا لزمته خاصة الكمية التي هي مساو ولا مساو، فتكون للواحد آحاد بعضها مساو له، وبعضها أكثر أو أقل. لأنه إن كان يلزم الواحد، فهو أيضاً يلزم كل عدد، أعني أن يكون له سميً مساوياً له، وسميً أقل منه، وسميً أكثر منه، فتكون للثلاثة ثلاثات بعضها مساو لها، وبعضها أقل منها، وبعضها أكثر منها. وكذلك يجب في كل عدد، فإن كان هذا لا يجب في الأعداد التي لا شك فيها، فليس يجب في الوجدانية.

وإن كان معنى قولنا إن خاصة العدد، وجميع الكمية، مساو ولا مساو، أن لكل عدد عددًا مثله أي أكثر منه وأقل منه، فالاثنتان إذن لا عدد، إذ ليس عدد أقل منه، وإنما له أكثر منه.

وإن كان يجب أن يكون الاثنان عدداً إذ ليس مساو، وهو اثنان آخران، ولا مساو وهو أكثر منه، فإنه يجب أن يكون الواحد عدداً، أو له مساو وهو واحد آخر، ولا مساو وهو أكثر منه أعني اثنين وما فوق ذلك. فإذا الواحد كمية. فالواحد باقي الأعداد تحت الكمية. فإذا ليس الواحد عدداً باشتباه الأيس، فإذا هو بالطبع.

وأيضاً لا يخلو الواحد من أن يكون عدداً أو لا عدداً، فإن كان عدداً، فإما أن يكون زوجاً، وإما فرداً. فإن كان زوجاً فهو منقسم قسمين مما يلي الوجدانيات، والواحد لا ينقسم، فهو لا ينقسم، وهو منقسم، وهذا خلف لا يمكن.

وأيضاً إن كانت فيه آحاد فهو مركب من آحاد، فهو مركب من ذاته، وهو واحد، وهو آحاد، والواحد واحد فقط لا آحاد، فهو آحاد لا آحاد، وهذا خلف لا يمكن أيضاً.

وإن لم يكن زوجاً فهو فرد. والفرد هو الذي كل قسمين ينقسم إليهما غير متماثلتي الوجدانيات. فالواحد إذن منقسم لا منقسم، وآحاد لا آحاد، وهذا خلف لا يمكن. فإذا ليس الواحد عدداً. ولكن هذا الحد الذي حد به العدد الفرد يظن أنه لا يجب إلا بعد أن نبين لأن الواحد ليس بعدد. وإلا فما يمنع من قال إن الواحد عدد من أن يجد العدد الفرد بأنه هو العدد الذي انقسم بقسمين. فإن قسميه غير متماثلتي الوجدانيات، فيدخل فيه الواحد إذ ليس يوجب أنه منقسم اضطراراً.

فإذا لم يظهر أنه واجب من هذا البحث أن الواحد ليس بعدد فنقول إذن: إن ركن الشيء الذي يبنى منه الشيء أعني الذي ركب منه الشيء ليس هو الشيء كالحروف الصوتية التي ركب منها لكلامهن فغنها ليست هي الكلام، لأن الكلام صوت مؤلف موضوع دال على شيء مع زمان، والحرف صوت طباعي لا مؤلف. فإن كان العدد المقر به عند الكل مؤلفاً من آحاد، فالواحد ركن العدد، فليس بعدد، وليس للواحد ركن ركب منه فيكون ركناً لما ركب من الواحد أيضاً، فيكون الواحد عدداً ركنه ركن كل التي نقر بألها أعداد، فيمكن أن يكون الواحد عدداً.

وقد يظن أن الواحد ركن الاثنين، والاثنين ركن الثلاثة، إذ في الثلاثة اثنان موجودان، فنظن كذلك إذ كان الاثنان - وهما عدد - ركن الثلاثة، أن الواحد عدد، وهو ركن الاثنين. وهذا الظن غير صادق، لأن الاثنين، وإن ظن أنه ركن الثلاثة، فله ركن هو الواحد. والواحد وإن كان ركن الاثنين فليس له ركن، فهو لا مركب، فقد فارق الاثنين بأنه بسيط. والثان مركب من الواحد البسيط، فليس يمكن أن يكون العدد بعضه بسيط هو ركنه - أعني بسيط لا مركباً من شيء - وبعضه مركب من ذلك البسيط. ولكن قد يظن أنه ممكن أن يكون كذلك بالجواهر المركب، أعني الجسم الذي هو مركب من جوهرين بسيطين، أعني العنصر والصورة، كما قد قيل أن الجواهر ثلاثة: بسيطان: هما العنصر والصورة ومركب منهما هو العنصر المصور أعني الجسم.

فنظن أنه يمكن أن يكون العدد أيضاً منه بسيط هو الواحد الذي ركب منه المقر به ومنه العدد المقر به المركب من واحد بسيط. وهذا ظن غير صادق، لأن التمثيل عكس. وذلك أن الجواهر الأولى البسيطة التي

يركب الجسم منها هي العنصر والصورة. فعرض للجسم - إذ هو مركب - جواهر العنصر والصورة أن تكون جواهر، إذ هو جواهر فقط، وهو بطباعه جسم أعني مركباً من عنصر وأبعاد التي هي صورته، ولم يعرض للعنصر وحده، وللبعد - الذي هو صورة - وحده أن يكون كل واحد منهما جسماً، إذ كان المركب منهما جسماً. وكذلك لا يجب أن يكون الواحد، لأنه ركن العدد المقر به عدداً، لأن العدد مركب من آحاد فهو آحاد. كما أن الجسم - إذ هو مركب من جواهر - فهو جواهر - ويحق إذن للأشياء التي تتركب منها أشياء فتكون تلك الأركان أجزاء للمركبة منها، لا شيء يمنع من أن يعطيها أساسها وحدودها، كالحية في الأحياء، والجوهر في الجواهر، أعني أسماءها الجوهرية لا العرضية. فإذا كان الواحد ركن العدد لا عدد بتة.

فإذ قد تبين أن الواحد ليس بعدد، فالحد المقول على العدد إذن هو محيط العدد أعني أنه عظيم الوجدانيات، وجميع الوجدانيات، وتآليف الوجدانيات. فإذا كان الاثنان أول العدد، والاثنان إذا أفرد بطباعه، ولم يتوهم غيره، لم يكن بطباعه قليلاً. فإذا كان إنما تلحقه العلة إذا أضيف إلى ما هو أكثر منه، فإذا كان إنما هو قليل إذ جميع الأعداد أكثر منه. فإذا كان إنما هو قليل إذا أضيف إلى الأعداد. فأما إذا توهم طبعه، فهو تضعيف الواحد، فهو جمع من واحدين، فهو مركب من واحدين، والمركب ذو أجزاء، فهو كل لأجزائه، والكل أكثر من الجزء، فليس الاثنان قليلاً بطباعه.

فإذا كان العظيم والصغير، والطويل والقصير، والكثير والقليل، لا يقال واحد منهما مرسلًا بالإضافة، وإنما يضاف كل واحد منهما إلى آخر من جنسه لا من غير جنسه، كالعظم فإنه إن كان جسماً فإنه يضاف إلى جسم آخر لا إلى سطح، ولا إلى خط، ولا إلى مكان، ولا إلى زمان، ولا إلى عدد، ولا إلى قول. فإنه لا يقال جسم أعظم أو أصغر من سطح، أو خط، أو مكان، أو زمان، أو عدد، أو قول، بل من جسم. فكذلك كل واحد من باقي الأعظام لا يقال أعظم ولا أصغر مما ليس في جنسه قولاً صادقاً. ولا يقال سطح أعظم أو أصغر، من خط أو مكان أو زمان أو عدد أو قول، بل من سطح. ولا خط أعظم أو أصغر من مكان أو زمان أو عدد أو قول، بل من خط. ولا مكان أعظم أو أصغر من زمان أو عدد أو قول، بل من مكان. ولا زمان أعظم أو أصغر من عدد أو قول، بل من زمان. ولا عدد أعظم أو أصغر من قول، بل من عدد. ولا قول أعظم أو أصغر من واحد من باقي الأعظام بل من قول. وكذلك لا يقال قولاً صادقاً: جسم أطول أو أقصر من سطح أو خط أو مكان أو زمان أو عدد أو قول، وإن ظن أن جزءاً ما أطول أو أقصر من سطح أو خط أو مكان، فإن ذلك ظن كاذب، لأنه إن ظن أن طول جرم أطول أو أقصر من طول سطح أو خط أو مكان فإن طول كل واحد منها هو بعد واحد من أبعاد ما نسبت إليه، والبعد الواحد خط، فإذا نذهب من أن جرمًا أطول أو أقصر من سطح أو خط أو مكان إلى أن خط هذا أطل من خط هذا. فإن هذه جماعات من الكمية المتصلة.

والزمان أيضاً من الكمية المتصلة، فلأنه لا خط للزمان يظهر ظهوراً تاماً، فإنه لا يقال جرم أطول وأقصر من زمان. فبين ألا يقال الطول والقصر لما يقال له الطول والقصر إلا المكان في جنس واحد، أي في جزم فقط، أو سطح فقط، أو مكان فقط، أو زمان فقط.

فأما عدد أو قول فلا يقال عليه طول ولا قصر بذاته، بل يقال ذلك عليه من جهة الزمان الذي هو فيه. فإنه يقال عدد طويل أي زمان طويل وكذلك يقال: قول طويل، أي في زمان طويل. إلا أن القول والعدد يجتمعا كل واحد منهما اسم الطول واسم المقصر بذاته.

وكذلك الكثير والقليل لا يقالان فيما يقالان عليه إلا في جنس واحد أعني فيما يقال عليه العدد. والقول فإنه لا يقال قولاً صادقاً: قول أكثر أو أقل من عدد، ولا عدد أكثر أو أقل من قول، بل عدد أكثر أو أقل من عدد، وقول أكثر أو أقل من قول.

فإذا تبين ما قدمنا، فليس إذن الواحد بالحقيقة قابلاً للإضافة إلى مجانسه، وإن كان له جنس يضاف إلى مجانسه، فأقول: لا جنس للواحد الحق. وقد قدمنا أن ما له جنس فليس بأزلي وأن الأزلي لا جنس له، فإذاً الواحد الحق أزلي، ولا يتكثر بته بنوع من الأنواع أبداً، ولا يقال واحد بالإضافة إلى غيره. فإذاً هو الذي لا هيولى له ينقسم بها، ولا صورة مؤتلفة من جنس وأنواع، فإن الذي هو كذلك يتكثر بما ألف منه. ولا هو كمية بته، ولا له كمية لأن الذي هو كذلك أيضاً منقسم، لأن كل كمية أو ذي كمية يقبل الزيادة والنقص. وما قبل النقص منقسم، والمنقسم متكثر بنوع ما. وقد قيل إن الكثرة تكون في كل واحد من المقولات، وفيما يلحقها من الجنس والنوع والشخص والفصل والخاصة والعرض العام والكل والجزء والجميع. وكذلك الواحد يقال على كل واحد من بعده. فإن الواحد الحق ليس هو واحداً من هذه. والحركة فيما هو من هذه، أعني الجسم الذي هو هيولى مصورة، إذ الحركة إنما هي نقلة من مكان إلى مكان، أو ربو أو نقص، أو كون أو فساد، أو استحالة. والحركة متكررة لأن المكان كمية، فهو منقسم. فالموجود في أقسام: منقسم بأقسام المكان فهو متكثر، فالحركة المكانية متكررة. وكذلك الربوية والنقصية متكررة فإن حركة نهايات الراي والناقص منقسمة لوجودها في أقسام المكان ما بين نهاية الجرم قبل النقص إلى نهايته في نهاية النقص. وكذلك الكون والفساد؛ فإن من بدء الكون والفساد إلى نهاية الكون والفساد، منقسماً بقسم الزمان الذي فيه الكون والفساد بحركة الربو والنقص والفساد منقسمة جميعاً. وكذلك الاستحالة شديدة، والاستحالة إلى التمام، منقسمة بأقسام زمان الاستحالة. فجميع الحركات منقسمة؛ وهي أيضاً متوحدة. لأن كل حركة فكلها واحدة؛ إذ الوحدة تقال على الكل المطلق. وجزؤها واحد، إذ الواحد يقال على الجزء المطلق. فإذاً - الكثرة موجودة في الحركة - فالواحد الحق لا حركة.

وإذ كل مدرك بالحس والعقل، إما أن يكون موجوداً في عينه أو في فكرنا وجوداً طبيعياً، وإما في لفظنا أو خطوطنا وجوداً عرضياً، فإن الحركة موجودة في النفس: أعني أن الفكر ينتقل من بعض صور الأشياء إلى بعض، ومن أخلاق لازمة للنفس إلى سرور وغلى آلام كالغضب، والفرق، والفرح والحزن، وما كان كذلك. فالفكر متكررة ومتوحدة إذ لكل كثره وكل جزء، إذ هي معدودة، وهذه أعراض النفس، فهي

متكثرة أيضاً ومتوحدة بهذا النوع، فالواحد الحق لا نفس. ولأن نهاية الفكر إذا سلكت على سبيل مستقيمة إلى العقل - وهو أنواع الأشياء، إذ النوع معقول وما فوقه، والأشخاص محسوسة، أعني بالأشخاص جزئيات الأشياء التي لا تعطي شيئاً أساميها ولا حدودها - فإذا اتحدت بالنفس فهي معقولة، والنفس عاقلة بالفعل عند اتحاد الأنواع بها. وقبل اتحادها بها كانت عاقلة بالقوة وكل شيء هو كشيء بالقوة، وإنما يخرج الفعل شيء آخر، وهو ذلك المخرج من القوة إلى الفعل بالفعل. والذي أخرج النفس التي هي عاقلة بالقوة إلى أن صارت عاقلة بالفعل، أعني متحدة بها، أنواع الأشياء وأجناسها، أعني كلياتها. وهي كليات أعيانها، فإنها باتحادها بالنفس صارت النفس عاقلة، أي لها عقل ما أتى لها كليات الأشياء. فكليات الأشياء إذ هي في النفس خارجة من القوة إلى الفعل، هي عقل النفس المستفاد الذي كان لها بالقوة. فهي العقل الذي بالفعل الذي أخرج النفس من القوة إلى الفعل. والكليات متكثرة، كما قدمنا، فالعقل متكثر. وقد نظن أنه أول متكثر. وهو متوحد بنوع ما إذ هو كل كما قدمنا، وأن الوحدة تقال على الكل. والوحدة بحق لا عقل.

وإذ في ألفاظنا الأسماء المترادفة كالشفرة والمدية المرادفة حديدة الذبح، فقد يقال واحد للمترادفة، وأنه يقال المدية والشفرة واحد، وهذا الواحد متكثر أيضاً، لأن عنصره، وما يقال على عنصره متكثر. فإن حديدة الذبح التي هي عنصر المترادفة، التي هي المدية والشفرة والسكين متجزئة متكثرة. وأيضاً الأسماء المقولة عليها متكثرة. فالواحد الحق لا أسماء مترادفة.

وأيضاً إذ في ألفاظنا المشتبهة بالاسم كالسبع المسمى كلباً، والكوكب المسمى كلباً، فإنه يقال إنهما واحد بالاسم أي كلب. وعنصر هذا الكلب متكثر أعني السبع والكوكب. وهذه المشتبهة بالاسم ليس منها شيء علة لشيء، لأن الكوكب ليس علة السبع، ولا السبع علة الكوكب. وقد توجد متشابهة بالاسم بعضها علة بعض كالمخطوط، والمفوظ، والمفكر فيه، والعين قائمة. فإن الخط الذي هو جوهر منبىء عن اللفظ الذي هو جوهر، واللفظ الذي هو جوهر منبىء عن المفكر فيه الذي هو جوهر. والمفكر فيه الذي هو جوهر منبىء عن العين الذي هو جوهر. وقد يقال لهذه جميعاً واحداً أعني العيني ذاتها، وفي الفكرة، وفي اللفظ، وفي الخط. والعين في ذاتها علة العين في الفكر، والعين في الفكر علة العين في اللفظ، والعين في اللفظ علة العين في الخط. وهذا النوع من الواحد متكثر أيضاً إذ هو مقول على كثير. فليس الواحد الحق واحداً بنوع من اشتباه الاسم.

وإذ قد يقال واحد للتي عنصرها واحد، إلا أنها تغاير بغيرية ما، إما فعل، أو انفعال، أو إضافة، أو غير ذلك من التغاير، كالباب والسرير التي عنصرها واحد، أعني خشباً أو أي عنصر صنع منه أشياء مختلفة المثل، فإنه يقال الباب والسرير واحد بالعنصر. وهذه أيضاً كثير من جهة عنصرها، إذ عنصرها متكثر متجزء. ومن جهة مثلها. وأيضاً اللاتي هي واحدة بالعنصر الأول، أعني بالإمكان، متكثرة من جهة العنصر، إذ هو موجود لمثل كثيرة. وأيضاً قد يقال واحد بالعنصر الأشياء التي تقال على شيء فيلحقها شيء آخر اضطراراً، كالفساد المقول على الفاسد فإنه يلحقه الكون، إذ فساد الفاسد كون لآخر. فإنه

يقال: إن الكائن هو الفاسد بالعنصر. وهذا بالفعل. وقد يتكرر هذا أيضاً إذ العنصر لعدة مثل. وقد يقال هذا النوع من الواحد بالقوة، أعني الواحد بالعنصر، والأشياء التي تقال على شيء فيلحقها شيء آخر كالربو المقول على الرابي فإنه يلحقه الضمر، فإن الذي له ربو له ضمير بالقوة. فيقال واحد الرابي الضامر، أي أن الرابي هو الضامر. وهذا متكرر أيضاً من جهة العنصر. إذ العنصر لعدة من جهة المثل أعني الربو والضمير.

فالواحد الحق لا يقال بنوع العنصر. فليس يقال بواحد من أنواع الواحد الذي بالعنصر، وقد يقال للواحد الذي لا ينقسم كما قدمنا. والذي لا ينقسم إما لا ينقسم بالفعل وإما بالقوة. أم الذي لا ينقسم بالفعل فكالذي لا ينقسم لصلابته، كحجر الماس أعني أنه الانقسام عسر. وهذا هو ذو أجزاء اضطراراً، إذ هو جسم، فهو متكرر. أو كالذي يصغر جداً على الآلة القاسمة فإن يقال له لا ينقسم، إذ ليس آلة تقسمه. وهو ذو أجزاء لأنه عظيم ما، إذا لحقه الصغر فهو متكرر.

ويقال لا ينقسم بالفعل أيضاً، وإن فصل تفصيلاً دائماً، لم يخرج من طباعه إلى غيره، بل كل مفصول منه يجتمل حده واسمه كجميع الأعظام المتصلة، أعني الجرم والسطح والخط والمكان والزمان. فإن مفصول الجرم جرم، ومفصول السطح سطح، ومفصول الخط خط، ومفصول المكان مكان، ومفصول الزمان زمان، فهذه جميعاً لا تنقسم بالفعل ولا بالقوة إلى غير نوعها. وكل واحد منها قابل للتفصيل والتكثير قبولاً دائماً إلى نوعه.

وأيضاً فإن الجرم تكثير بأبعاده الثلاثة ونهاياته الست، والسطح ببعديه ونهاياته الأربع، والخط ببعديه ونهايته. وكذلك المكان يتكرر بنهاياته التي هي الآتات في الزمان الحادة لنهاياته كحد العلامات لنهايات الخط. كذلك كل مشتبه الأجزاء يقال به واحد لأنه لا ينقسم، أي كل مفصول منه محتمل حداً واسماً وهذا أيضاً يتكرر لأنه لا ينقسم أي كل قابلاً دائماً. ويقال أيضاً لا ينقسم بالفعل ولا بالقوة الذي إن قسم بطلت ذاته، كالإنسان الواحد، كمحمد وسعيد. وكالفرس الواحد، كالرائد وذوي العقال، وما كان كذلك من كل شخص طبيعي ذي مثال، أو عرضي كذلك، أو نوع، أو جنس، أو فصل، أو خاصة، أو عرض عام. فإنه إن قسم لم يكن هو ما هو. وهو متكرر لما ركب منه؛ وبالتفصيل دائماً أيضاً. وهذه جميعاً من المقول واحد لاتصاله أيضاً.

ويقال واحد لأنه لا ينقسم بنوع آخر ما كان لا ينقسم لأنه متصلاً. وما كان كذلك فإنه يقال على نوعين أحدهما لأنه ليس بمتصل، ولا وضع له، ولا مشترك كالواحد العددي فإنه ليس بشيء متصل، أعني أن له أبعاداً ونهايات فهو شيء متصل، بل هو لا منقسم ولا منفصل. وهذا متكرر أيضاً من جهة موضوعاته التي يعدها، وهذا هو الواحد العددي مكيال كلها. والآخر حروف الأصوات فإنها ليست بمتصلة، ولا وضع للعلل التي بها الواحد العددي لا منقسم، وهو مكيال الألفاظ فقط.

ويقال واحد لأنه لا ينقسم بنوع آخر، وهو ما كان كذلك، لأنه لا جزء له مثله، ولا مثل غيره، وأيضاً وهو مشترك، وما كان كذلك فإنه يقال على نوعين: أحدهما له وضع كعلامة الخط التي هي نهايته، فإنه



لا آخر لها، لأنها نهاية بعد واحد، ونهاية البعد لا بعد. وهي متكثرة بجمالاتها أعني الزمان الماضي، والزمان الآتي التي هي مشتركة لهما.

ويقال واحد أيضاً الذي لا ينقسم من جهة الكلية، فإنه يقال رطل واحد، لأنه إن انفصل من كلية الرطل شيء، بطل الرطل، فلم يك كلاً لرطل واحد. وكذلك ما يقال إن خط الدائرة أشد استحقالاً للواحد من غيره من الخطوط، إذ هو كل الحد، لأنه لا نقص فيه ولا زيادة، بل كل كامل. وما كان كذلك فهو متكثر بتفضله أيضاً. وأخرى بأن يكون الذي لا ينقسم أشد التي يقال واحد استحقالاً للوحدة من باقي أنواع الواحد وأشدّها توحداً.

فقد تبين مما قلنا أن الواحد يقال إما بالذات وإما بالعرض. أما بالعرض فكنوع المقول بالاسم المشترك، وأما بالأسماء المترادفة أو جامع أعراض كثيرة مقولنا الكاتب والخطيب واحد، إذا كانا يقالان على رجل واحد أو على الإنسان، أو الإنسان والكاتب واحد، وما كان كذلك.

وأما بالذات فباقي ما يقال عليه الواحد مما ذكرنا أنه يقال واحد. وهن جميعاً ما جوهرها واحد، وينقسم قسمة أولى إما بالاتصال وهو من حيز العنصر، وإما بالصورة وهو من حيز النوع، وإما بالاسم وهو من حيزهما جميعاً، وإما بالجنس وهو من حيز الأول. فالواحد بالاتصال هو الواحد بالعنصر أو بالرباط، وهو الذي يقال له واحد بالعدد أو بالشكل. والواحد بالصورة هي التي حدّها واحد. والواحد بالجنس هي التي حدّ محمولها واحد. والتي بالاسم أعني بما هي بالمساواة واحد، والواحد بالمساواة هي التي نسبتها واحد كالأشياء الطبية المنسوبة جميعاً إلى الطب. وجميع هذه الأنواع التي ذكرنا أعني الواحد بالعدد، ثم الواحد بالصورة، ثم الواحد بالجنس، ثم الواحد بالمساواة يتبع أواخرها أوائلها، ولا يتبع أوائلها أواخرها أعني أن ما كان واحداً بالعدد فهو واحد بالصورة، وما كان واحداً بالصورة فهو واحداً بالجنس، وما كان واحداً بالجنس فهو واحد بالنسبة. وليس ما كان واحداً بالنسبة فهو واحد بالجنس، ولا ما كان واحداً بالجنس فهو واحد بالصورة، ولا ما كان واحداً بالصورة فهو واحد بالعدد.

فبين أن مقابل الوحدة الكثرة. فالكثرة إذن تقال بكل نوع من هذه. فيقال كثير إما لأنه لا متصل فهي منفصلة، ولأن عنصرها ينقسم للصور، أو صورها للجنس، أو إلى ما ينسب إليه. وبين أن الهوية تقال على كل ما عليه الواحد. فالهوية تقال لما بعده أنواع الواحد.

فقد تبين أن الواحد الحق ليس هو شيء من المعقولات ولا عنصر، ولا جنس، ولا نوع، ولا شخص، ولا فصل، ولا خاصة، ولا عرض عام، ولا حركة، ولا نفس، ولا عقل، ولا كل، ولا جزء، ولا جميع، ولا بعض، ولا واحد بالإضافة إلى غير مثل واحد مرسل، ولا يقبل التكثر؛ ولا المركب كثير ولا واحد مما ذكرنا أنه موجود فيه أنواع جميع أنواع الواحد التي ذكرنا. ولا يلحقه ما يخلق مسامتتها.

وإذ هذه التي ذكرنا أبسط مما هي له، أعني ما يقال عليه، فما يقال عليه أشد تكثراً، فالواحد الحق إذن لا ذو هيولى ولا ذو صورة، ولا ذو كمية، ولا ذو كيفية، ولا ذو إضافة، ولا موصوف بشيء من باقي المعقولات؛ ولا ذو جنس، ولا ذو فصل، ولا ذو شخص، ولا ذو خاصة، ولا ذو عرض عام، ولا متحرك

ولا موصوف بشيء مما بقي أن يكون واحداً بالحقيقة. فهو إذن وحدة فقط محض. أعني لا شيء غير وحدة. وكل واحد غيره فمتكثر. فإذاً الوحدة، إذ هي عرض في جميع الأشياء، فهي غير الواحد الحق، كما قدمنا. والواحد الحق هو الواحد بالذات الذي لا يتكثر بته بجهة من الجهات، ولا ينقسم بنوع من الأنواع، ولا من جهة ذاته، ولا من جهة غيره، ولا زمان ولا مكان، ولا حامل ولا محمول، ولا كل ولا جزء، ولا للجوهر ولا للعرض، ولا ينوع من أنواع القسمة أو التكثر بته.

فأما الواحد بجميع الأنواع غيره، فإذا كان فيما هو فيه بالعرض، فكل ما كان في شيء يعرض فمعرضه فيه غيره، إما ما ذلك الشيء فيه يعرض، وإما بالذات، وليس يمكن أن تكون الأشياء بلا نهاية بالفعل. فأول علة للوحدة في الموحدات هو الواحد الحق الذي لم يفد الوحدة من غيره، لأنه لا يمكن أن تكون المفيدات بعضها لبعض بلا نهاية في البدء.

وعلة الوحدة في الموحدات هو الواحد الحق الول. وكل قابل للوحدة فهو معلول، فكل واحد غير الواحد بالحقيقة فهو الواحد بالمجاز لا بالحقيقة، فكل واحد من المعلولات للوحدة إنما يذهب عن وحدته إلى غير هوية، أعني أنه يتكثر من حيث يوجد وهو كثير لا واحد مرسل، أعني مرسل واحد لا يتكثر بته، وليس وحدته شيئاً فير هويته. فإذا كان كل واحد من المحسوسات، وما يلحق المحسوسات، فيها الوحدة والكثرة معاً وكانت الوحدة فيها جميعاً أثراً من مؤثر عارضاً فيه لا بالطبع، ولا كانت الكثرة جماعة وحدانيات اضطراراً، فباطرار إن لم تكن وحدة لم تكن كثرة بته.

فإذاً كل متهو إنما هو انفعال يوجد ما لم يكن. فإذاً فيض الوحدة عن الواحد الحق الأول، هو انفعال يوجد ما لم يكن. فإذاً فيض الوحدة عن الواحد الحق الأول، هو تهوي كل محسوس، وما يلحق المحسوس، فيوجد كل واحد منها إذن يهوي بهوية إياها.

فإذاً علة التهوي من الواحد الحق، الذي لم يفد الوحدة من مفيد، بل هو بذاته واحد. والذي يهوي مبدع. وإذا كانت علة التهوي الواحد الحق الأول، فعلة الإبداع هو الحق الأول. والعلة التي منها مبدأ الحركة، أعني المحرك مبدأ الحركة. أعني المحرك هي الفاعل، فالواحد الحق الأول - إذ هو علة مبدأ التهوي أي الانفعال - فهو المبدع جميع المتهويات. فإذاً لا هوية إلا بما فيها من الوحدة، وتوحدتها هو تهويها. فبالوحدة قوام الكل، لو فارقت الوحدة عادت ودبرت مع الفراق معاً بلا زمان.

فالواحد الحق إذن هو الأول المبدع المسك كل ما أبدع، فلا يخلو شيء من إمساكه وقوته، إلا عاد ودبر.

فإذاً قد تبين ما أردنا إيضاحه من تمييز الواحدات ليظهر الواحد الحق، المفيد المبدع، القوي المسك، وما الواحدات بالمجاز، أعني بإفادة الواحد الحق جل وتعالى عن صفات الملحددين، فلنكمل هذا الفن، ولنتله بما يتلو ذلك تلواً طبيعياً، بتأييد ذي القدرة التامة، والقوة الكاملة، والجواد الفاضل.

تم الجزء الأول من كتاب يعقوب بن إسحق الكندي

والحمد لله رب العالمين، وصلواته على محمد النبي وآله أجمعين.

- <sup>i</sup> O termo usado na passagem é *مرسلاً* / *marsilan* que tem aqui o sentido de “solto, livre”. O termo não é de uso corrente no vocabulário filosófico árabe, mas indica aquilo que está sem vínculo, incondicionado, absoluto, que existiria desvinculado de qualquer outra realidade. O contraste se dá pelo uso de *إضافة* / *’idafā*, termo que vem a seguir, traduzindo “relação”. Esse termo traduziu uma das dez categorias indicadas por Aristóteles. Aqui, ganha o sentido daquilo que só pode ser definido mediante uma necessária relação de vínculo com um outro.
- <sup>ii</sup> Isto é, o um e o dois.
- <sup>iii</sup> Ou seja, aquele que adquiriu certa forma.
- <sup>iv</sup> Na passagem, *جسم* / *jism* traduziu-se por corpo [orgânico] e *جرم* / *jiram* por corpo [sólido].
- <sup>v</sup> No sentido da entelégua. Transformação em sentido absoluto da substância, numa outra substância.
- <sup>vi</sup> Trata-se da faculdade de cogitação e não propriamente da intelecção.
- <sup>vii</sup> *العين*
- <sup>viii</sup> Isto é, pela matéria-prima.
- <sup>ix</sup> Ou seja, à potencialidade de vir-a-ser numa determinada porção de matéria, uma forma qualquer.
- <sup>x</sup> *الرائد وذي العقال* foi entendido por Guerrero como sendo *aquel que busca los pastos suelto o trabado* (p.83), na medida em que os dois termos significam respectivamente “aquele que está solto” e “aquele que está arreado”. Aqui, acompanhamos Rashed (p.90) entendendo tratar-se de nomes próprios a dois cavalos específicos.
- <sup>xi</sup> *مثال* / *miṭāl*, entendida por forma intelectual no sentido platônico.
- <sup>xii</sup> Entendido como sendo comuns ao ponto e à linha simultaneamente.
- <sup>xiii</sup> Subentende-se tratar do segundo modo anunciado logo acima.
- <sup>xiv</sup> Medida de peso.